
A vulgíva e o anjo: duas representações da morte na poesia de Manuel Bandeira

Flaviana Fontoura Espinosa & Márcia Froehlich©

A vida é um milagre.

(...)

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

– Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

Manuel Bandeira

"Preparação para a morte"

Abstract*

This paper intends to show how the theme of death is represented in two Manuel Bandeira's poems. The analysis of "A dama branca" and "O homem e a morte" tries to establish relationships of similarities and contrasts between these two poems. The theme of death receives a different concept. Both poems represent death like an experience. Whereas, the first is characterized by a strong erotism, the second one is characterized by an atmosphere of peace and tranquility. These differences show how the theme changes in Manuel Bandeira's poetry.

Resumo

O presente trabalho visa apresentar um estudo do tema da morte de acordo com a sua representação em dois momentos da poética de Manuel Bandeira. Na análise de "A dama branca" e "O homem e a morte", buscou-se estabelecer as relações de semelhança e contraste que estes poemas encerram entre si. Nos textos selecionados, o tema recebe um tratamento diferenciado. Ambos representam a morte no plano da experiência, porém, destaca-se, no primeiro, um forte erotismo e, no segundo, uma atmosfera de paz e tranquilidade. Essas diferenças refletem a transformação sofrida pelo assunto na obra poética

de Manuel Bandeira.

Introdução

Desde a antigüidade grega, a morte ocupa espaço relevante na literatura do Ocidente. Dentro da Literatura Brasileira, ela também foi escolhida como motivo por vários autores, poetas e romancistas, perpassando praticamente todos os estilos literários. É particularmente interessante observar como o motivo da morte aparece na poesia de um dos mais representativos poetas do Modernismo brasileiro: Manuel Bandeira.

A morte está presente em toda produção poética de Manuel Bandeira, podendo ser considerada como um autêntico leitmotiv de sua obra. Relacionada primeiramente à biografia do poeta devido à "sentença de morte" recebida na juventude e a perda precoce dos familiares, a morte passa por um processo de transcendência do plano individual para uma dimensão mais ampla. Com isso, tem-se, em sua fase madura, uma visão da morte que ultrapassa sua experiência pessoal, ocupando uma posição de serenidade no tocante a ela.

No intuito de demonstrar algumas faces que o tema assume na lírica de Bandeira, foram selecionados os seguintes poemas para estudo: "A dama branca" (Carnaval, 1919), como representante da primeira fase do poeta, e "O homem e a morte" (Poesias Completas, edição de

* Alunas do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Monografia apresentada à disciplina Literatura Brasileira III como requisito parcial de avaliação, sob a orientação da Profª. Ms. Eri Celidônio.

1948), representando a fase madura.

projetando-se, assim, no intangível, no absoluto (Ramos, 2000, p. 165).

Breve biografia de Manuel Bandeira¹

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu no dia 19 de abril de 1886, em Recife, onde passou os primeiros anos de sua infância. Veio adolescente para o Rio de Janeiro, onde cursou o Colégio Pedro II. Com a intenção de seguir carreira de arquiteto, ingressou no curso preparatório da Escola Politécnica de São Paulo, mas a tuberculose, manifestando-se cedo, impediu-o de prosseguir os estudos. Devido à doença, em 1912, embarcou para a Suíça e esteve internado no sanatório de Clavadel, onde entrou em contato com a melhor poesia simbolista e pós-simbolista em língua francesa (conheceu o poeta Paul Éluard).

Com a eclosão da 1ª. Guerra Mundial, retornou ao Brasil e fixou-se no Rio de Janeiro. Estabeleceu relações com alguns escritores que, como ele, passariam do ecletismo fin de siècle ao Modernismo (Ronald de Carvalho, Álvaro Moreyra, Ribeiro Couto, Graça Aranha, Tristão de Ataíde, etc.). Praticando o verso livre e a ironia crepuscular desde os primeiros versos, Bandeira foi naturalmente acolhido pelo grupo da Semana de 22 como um irmão mais velho (já tinha 36 anos em 1922). Por sua vez, recebeu do exemplo de Mário e Oswald de Andrade um impulso para romper as amarras da sua formação intimista.

Dedicou-se quase que exclusivamente ao ofício de escrever: poesia, crônica literária, traduções e obras didáticas de nível superior. Em 1940, entrou para a Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1968.

A morte e seu substrato cultural

Etimologicamente, o vocábulo "morte" provém do termo latino *mors*, -is, que, por sua vez, origina-se do grego *móros*, -ou, cujo sentido não é de fim mas sim de repartição. De acordo com Maria Luiza Ramos:

A palavra (morte) significa ainda fado, destino de tal forma que a morte pode ser vista não só como fato inevitável, mas também como parte, parcela de uma vida que não se pode, portanto, confundir com uma determinada forma de existência, historicamente determinada. Pelo contrário: a parte implica um antes e um depois,

A morte, como parte da vida, é a única certeza desta, configurando assim o real, enquanto a realidade é o que se constrói para se enfrentar esse real. Culturalmente, o homem ocidental tem seu discurso em função da celebração da vida, trata a morte de uma forma repressiva. De acordo com a Psicanálise², a consciência da inexorabilidade da morte geraria no ser humano um sentimento tão avassalador que absorveria toda a sua existência: o homem deixaria de viver obcecado pela idéia de que morrerá. Por isso, esse sentimento deve ser reprimido pela consciência: para poder viver, o homem precisa esquecer que vai morrer. Entretanto, existem momentos em que essa certeza da morte aflora, burlando a censura da consciência, como por exemplo: diagnóstico de doenças fatais ou falecimento inesperado de pessoas muito próximas.

O impacto da iminência da morte na poesia bandeiriana

Aos dezoito anos, Manuel Bandeira recebeu uma sentença irrecorrível: a tuberculose, doença fatal na época, praticamente o condenava à morte em pouco tempo. A partir de então, o tema da morte passou a fazer parte de sua vida e de sua poesia:

A convivência poética começou em A Cinza das Horas (...) banhada num clima de tristeza da época, é uma poesia que deixa a sensação da fugacidade das coisas e da transitoriedade do tempo (...) deixando impregnados os poemas com a marca do "desalento" e da "desesperança", sem lograr transpor os limites das dores pessoais (...) (Carvalho, 1998, p. 68).

Os dois poemas selecionados para estudo, "A dama branca" e "O homem e a morte", apresentam uma estrutura formal relativamente rígida; o tema, entretanto, recebe um tratamento diferenciado. Apesar de ambos os poemas representarem a morte no plano da experiência, destaca-se, no primeiro, um forte erotismo e, no segundo, uma atmosfera de paz e tranquilidade.

¹ BOSI, Alvedo. *História concisa da Literatura Brasileira*, 1994.

² KÉHL, Maria Rita. "A psicanálise e os domínios das paisões". In: CARDOSO, Sérgio (et. al.). *Os sentidos da paixão*, 1987.

Dois poemas, duas representações

A Carnaval, segunda obra do poeta, na qual a morte ainda subsiste como entidade dominante, pertence o poema "A dama branca". Porém, o erotismo já se afirma como grande força de oposição a ela. No poema em questão, Eros e Tânatos se conjuminam.

A DAMA BRANCA

- 1 *A Dama Branca que eu encontrei,*
- 2 *Faz tantos anos,*
- 3 *Na minha vida sem lei nem rei,*
- 4 *Sorriu-me em todos os desenganos.*

- 5 *Era sorriso de compaixão ?*
- 6 *Era sorriso de zombaria ?*
- 7 *Não era moía nem dó. Senão,*
- 8 *Só nas tristezas me sorria.*

- 9 *E a Dama Branca sorriu também.*
- 10 *A cada júbilo interior.*
- 11 *Sorria como querendo bem.*
- 12 *E todavia não era amor.*

- 13 *Era desejo? - Credo! De tísicos?*
- 14 *Por histeria ... Quem sabe lá ?...*
- 15 *A Dama tinha caprichos físicos:*
- 16 *Era uma estranha vulgívaga.*

- 17 *Ela era o gênio da corrupção.*
- 18 *Tábua de vícios adúlteros.*
- 19 *Tivera amantes: uma porção.*
- 20 *Até mulheres. Até meninos.*

- 21 *Ao pobre amante que lhe queria,*
- 22 *Se lhe furtava sarcástica.*
- 23 *Com uns perjura, com outros fria,*
- 24 *Com outros má,*

- 25 *- A Dama Branca que eu encontrei,*
- 26 *Há tantos anos,*
- 27 *Na minha vida sem lei nem rei,*
- 28 *Sorriu-me em todas os desenganos.*

- 29 *Essa constância de anos a fio,*
- 30 *Sutil, captara-me. E imaginai!*
- 31 *Por uma noite de muito frio,*
- 32 *A Dama Branca levou meu pai.*

O poema compõe-se de 32 versos, dispostos em oito quartetos. Prevalece o metro eneassílabo, ocorrendo ruptura dessa regularidade nos versos 2, 16, 22, 24 e 26. A estrutura rítmica também é regular, compondo-se de rimas cruzadas seguindo o esquema abab, excetuando-se as estrofes 4 e 6, em que há rompimento na rima nos versos pares (lá/vulgívaga - sarcástica/má). Coincide essa ruptura com o momento introdutório da descrição da "dama" em seus aspectos comportamentais, caracterizando-a como libertina e pérfida.

Observa-se uma representação erótica da morte: ela surge personificada em uma mulher, amante insaciável e pouco seletiva, sedutora, voluntariosa e até cruel, aproximando-se do arquétipo da prostituta (figura recorrente na poesia bandeiriana). A cor branca, culturalmente associada à pureza, é utilizada de modo paradoxal para caracterizar essa "personagem" marcada pela luxúria.

O encontro do sujeito lírico com essa figura feminina ocorre bem cedo (1ª. estrofe), iniciando um período de assédio dela em relação a ele: a morte lhe sorri (v. 4). Na segunda estrofe, tem-se o questionamento do eu lírico acerca das possíveis razões desse sorriso. Duas alternativas são apresentadas para justificá-lo: a compaixão ou a zombaria. Ambas são refutadas (v. 7-8), pois se fossem essas as verdadeiras motivações, só nos momentos de tristeza a "dama" lhe sorria. Como seu sorriso também está presente nas horas de alegria, surge uma nova possibilidade: o amor (3ª. estrofe), logo abandonada pelo sujeito lírico (v. 12). Já na quarta estrofe, o que se impõe como hipótese mais provável é o desejo que, apesar do espanto inicial do eu lírico, confirma-se pelo comportamento lascivo imputado à morte, descrito nos dois últimos versos dessa estrofe e ao longo de toda estrofe seguinte.

Na sexta estrofe, entretanto, é destacada a voluntariedade da morte que escolhe seus amantes, mas não aceita ser escolhida, rejeitando os que lhe desejam, seja através do perjúrio, seja do desprezo ou mesmo da maldade. Na sétima estrofe, há uma reiteração da primeira em forma de discurso direto para introduzir a derradeira resposta que virá na estrofe seguinte. A repetição de versos e até de estrofes inteiras é recorrente na poesia de Manuel

Bandeira, sendo atribuída pelo próprio poeta, em sua autobiografia *Itinerário de Pasárgada*¹, à influência da música em sua produção poética². Na estrofe final, o sujeito lírico, já na condição de seduzido, é preterido pela morte que, cruelmente, lhe toma seu pai. Observa-se que parece ser o próprio fato dele desejá-la o que a faz trai-lo.

Tomando-se a própria biografia do poeta (o seu "namoro" fracassado com a morte) é possível justificar-se a leitura efetuada. No poeta iniciante, o plano pessoal ainda possui uma forte ingerência sobre a sua produção poética. Logo, numa vida dominada pelo estigma da morte, torna-se natural que esta surja como força dominante em sua lírica. Essa percepção é corroborada por Davi Arrigucci Jr, em seu estudo sobre a obra bandeiriana:

Com certeza, a biografia, marcada pela experiência da doença, não explica a qualidade da obra poética de Bandeira. (...) Mas essa experiência tão marcante deu um sentido à poesia dentro do quadro de uma existência humana particular, obrigando o poeta a responder a uma circunstância concreta e incontestável, que deixou traços profundos em sua atitude e em seu próprio modo de conceber o poético, sem falar no temário inevitável e recorrente da morte, (Arrigucci JR, 1990, p. 258-259).

Este "temário inevitável e recorrente" é apresentado sob uma nova perspectiva no poema "O Homem e a Morte", de Belo Belo³:

O HOMEM E A MORTE

Romance desentranhado de "Um retrato da morte" de Fidelino Figueiredo

- 1 O homem já estava deitado
- 2 Dentro da noite sem cor.
- 3 Ia adormecendo, e nisto
- 4 À porta um golpe soou.
- 5 Não era pancada forte.
- 6 Contudo, ele se assustou.
- 7 Pois nela uma qualquer coisa

- 8 De pressago adivinhou.
- 9 Levantou-se e junto à porta
- 10 - Quem bate? ele perguntou.
- 11 - Sou eu, alguém lhe responde.
- 12 - Eu quem? torna. - A Morte sou.
- 13 Um vulto que bem sabia
- 14 Pela mente lhe passou:
- 15 Esqueleto amado de foice
- 16 Que a mãe lhe um dia levou.
- 17 Guardou-se de abrir a porta,
- 18 Antes ao leito voltou,
- 19 E nele os membros gelados
- 20 Cobriu, hirtos de pavor.
- 21 Mas a porta, manso, manso,
- 22 Se foi abrindo e deixou
- 23 Ver - uma mulher ou anjo?
- 24 Figura toda banhada
- 25 De suave luz interior.
- 26 A luz de quem nesta vida
- 27 Tudo viu, tudo perdoo.
- 28 Olhar inefável como
- 29 De quem ao peito o criou.
- 30 Sorriso igual ao da amada
- 31 Que amara com mais amor.
- 32 - Tu és a Morte? pergunta.
- 33 É o Anjo torna: - A Morte sou!
- 34 Venho trazer-te descanso
- 35 Do viver que te humilhou.
- 36 - Imaginava-te feia,
- 37 Pensava em ti com terror ...
- 38 És mesmo a Morte? ele insiste.
- 39 - Sim, torna o Anjo, a Morte sou,
- 40 Mestra que jamais engana,
- 41 A tua amiga melhor.
- 42 E o Anjo foi-se aproximando,
- 43 A frente do homem tocou,
- 44 Com infinita doçura
- 45 As magras mãos lhe compôs.
- 46 Depois com o maior carinho
- 47 Os dois olhos lhe cerrou ...
- 48 Era o carinho inefável
- 49 De quem ao peito o criou.

¹ BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, 1990.

² "(...) À música e não à imitação de qualquer modelo literário se deve atribuir a repetição de um ou dois versos, às vezes de uma estrofe inteira, em muitos poemas de *A Cinza das Horas* (...) e do *Carnaval* (...)". (BANDEIRA, 1990, p. 51).

³ Idem.

- 50 *Era a doçura da amada*
51 *Que amara com mais amor.*

"O homem e a morte" contém 51 versos em redondilha maior, dispostos em uma única estrofe construída em formato narrativo, o que ratifica a sua apresentação como *romance*, isto é, composição poética popular de origem medieval. As rimas obedecem a um esquema regular, sendo cruzadas (abcb), à exceção dos versos 22 a 25, entre os quais são intercaladas (abca). A disposição estrófica e o metro curto utilizados transmitem a sensação de fluidez, evocando a imagem de um rio, uma das metáforas correntes para representar a vida na poesia. Assim, o fecho do poema coincide com o fim da existência, isto é, concretiza-se a morte do homem "narrada" no poema.

Este poema pode ser dividido em três movimentos. O primeiro prolonga-se do verso 1 ao 20, trazendo a composição do cenário - um homem preparando-se para dormir -, o início do diálogo com a morte, no qual ela identifica-se como tal e a conseqüente reação do homem diante da sua revelação. Reação essa traduzida pelo medo, pelo resgate de uma imagem estereotipada da morte e pela tentativa de fugir do inexorável, enfim, uma reação de todo negativa. Todo esse movimento está marcado por uma atmosfera onírica, estando atenuados os limites entre realidade e sonho. Percebe-se também a forte aproximação entre sono e morte, uma vez que a preparação para aquele torna-se a efetivação desta.

No segundo movimento, que compreende os versos 21 a 41, a morte novamente materializa-se numa figura feminina, mas não a amante devassa de "A dama branca", e sim uma mulher angelical. Ela é descrita sob o paradigma da delicadeza, da bondade, do amor, da confiança, ou seja, em franca oposição à imagem pintada no poema referido anteriormente. Enquanto em "A dama branca" sobressaem-se as características do desejo e da traição, em "O homem e a morte" a morte é ressaltada como ato de amor: libertação de uma vida opressora (v. 34-35). Tem-se, no terceiro movimento, entre os versos 42 e 51 a descrição da morte do homem (a Morte mencionada como

Anjo), relatada como um ato de extrema ternura e suavidade.

A seleção dos poemas analisados justifica-se pela sua capacidade ilustrativa da transmutação do tema. Observa-se que, de uma postura inicial de rejeição da morte, passa-se a uma atitude de aceitação tranqüila dela como parte indissociável da vida. Retoma-se, assim, a concepção de morte apresentada no início deste estudo.

O caráter de negação da morte em "A dama branca" verifica-se através da ausência do termo, jamais referido ao longo do texto, e do tratamento alegórico dado a ele. Há, no poema, uma substituição da morte, entidade normalmente temida pelo ser humano, por uma mulher, figura ligada ao ideário erótico masculino. Vale ressaltar que essa transmutação dá-se sob bases eufêmicas.

Essa rejeição é superada no segundo poema, "O homem e a morte". O poeta, enquanto entidade criadora, já se encontra à vontade para falar nela de maneira explícita e serena. Parece considerá-la um corolário da vida, que deve ser recebido com a mesma tranqüilidade com que se deve viver. Como ratificação dessa nova postura frente à morte, pode-se recorrer às palavras do próprio Manuel Bandeira através do poema "Consoada", de *Opus 10*, cujos versos encerram o seu *itinerário de Pasárgada* e esta parte:

Agora a morte pode vir - essa morte que
espero desde os dezito anos, tenho a
impressão que ela encontrará, como em
"Consoada" está dito,

.....a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

(Bandeira, 1990, p. 102).

Conclusão

Como foi mencionado inicialmente, o tema da morte permeia toda a produção poética de Manuel Bandeira, podendo ser facilmente localizado em qualquer uma de suas obras. Neste estudo, a partir da seleção dos poemas apresentados no desenvolvimento do trabalho, tentou-se demonstrar a mudança de feição sofrida pela temática, em decorrência de um processo de amadurecimento estético-filosófico pelo qual passou o poeta.

Este trajeto pode ser observado no nível conteudístico de sua obra: da unipresença da morte numa atmosfera lúgubre de raiz simbolista (A

* "A palavra *romance*, [...] quando referida à literatura da Idade Média, pode denominar uma forma poética de origem popular ou narrativa de derivação erudita.

Os romances, breves poemas de teor épico e, ao mesmo tempo, lírico, desenvolveram-se na Espanha do século XV, embora alguns remontem ao século XIV", (PARAENSE, 1999, p. 15-16).

cinza das horas), para um alargamento temático, no qual a morte muda de feição. Ela assume o papel paradoxal de afirmação da vida ao lado do erotismo, o outro grande tema da poesia de Bandeira. Aos poucos, a visão da morte transforma-se, adquirindo serenidade, chegando a tomar o aspecto de redenção e resignação diante dela. Trata-se, portanto, de um percurso temático evolutivo pelo qual a poesia de Bandeira passa, partindo do individual ao geral, da negação à aceitação.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR. Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas; Carnaval; O ritmo dissoluto*. Ed. crítica Júlio Castañon Guimarães e Rachel T. Valença (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p.360.
- GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1999.
- KEHL, Maria Rita. "A psicanálise e os domínios das paixões". In: CARDOSO, Sérgio [et. al.]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 469-496.
- PARAENSE, Sílvia. Cecília Meireles: mito e poesia. "Nota prévia: origens e definição do 'romanceiro'". Santa Maria: UFSM, 1999. p. 11-23.
- RAMOS, Maria Luiza. Interfaces: Literatura Mito Inconsciente Cognição. "Escrituras da Morte". Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 165-171.
- SILVA, Maurício. "Poesia e morte: uma leitura psicanalítica de Manuel Bandeira". In: *Expressão*. a.2, n.1. Santa Maria: UFSM, 1998.